

SUMÁRIO

ABERTURA

Arlan Moraes de Lima 02

APRESENTAÇÃO

Laila Dantas 03

PALESTRA: Construindo o Futuro: a implantação da Biblioteca Digital da Universidade Católica de Brasília

Maria Carmen Romcy de Carvalho 04

DEBATES 29

ENCERRAMENTO

Laila Dantas 37

Arlan Moraes de Lima 37

ABERTURA

ARLAN MORAIS DE LIMA
Gestor do Programa Bibliotemas

Boa tarde. Gostaria de cumprimentar a todos os presentes, em especial à Doutora Maria Carmen Romcy de Carvalho, que está abrilhantando mais uma edição do Programa *Bibliotemas*.

Meu nome é Arlan Moraes de Lima. Estou responsável também pelo Programa *Bibliotemas* no Superior Tribunal de Justiça. Para nós é uma honra recebê-los.

Falaremos hoje sobre a importante temática da biblioteca digital, entendendo que esta não é mais uma tendência, já é uma realidade. Temos hoje coexistindo dois modelos de bibliotecas, que buscam a informação a todo e qualquer tipo de usuário.

Sejam todos bem-vindos. Contamos com vocês para que nas próximas palestras possam indicar palestrantes e também temas. Para isso estamos abertos à colaboração. Meu e-mail é arlan.lima@stj.jus.br.

Espero que usufruam de todo o conhecimento que será repassado.

Obrigado.

Passo a palavra para a Laila Dantas, Coordenadora de Informação Bibliográfica Digital do Superior Tribunal de Justiça.

APRESENTAÇÃO

LAILA DANTAS

Coordenadora de Informação Bibliográfica Digital

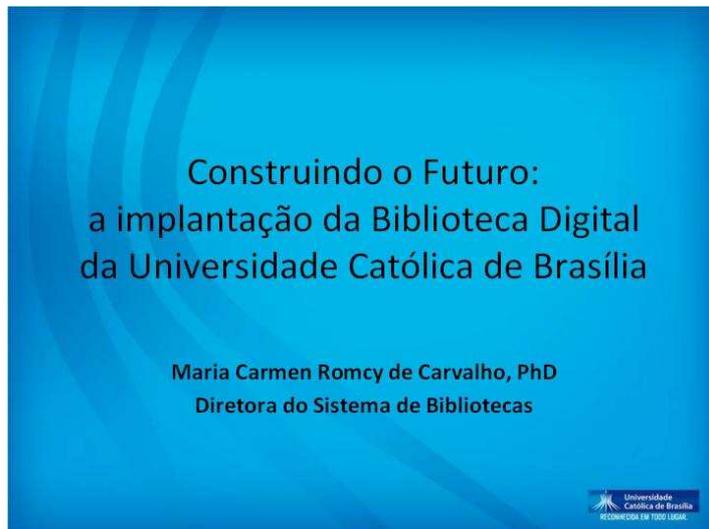
Boa tarde a todos. A Professora Maria Carmen Romcy de Carvalho é graduada, tem mestrado e doutorado na área de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Documentação; foi Diretora Adjunta do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e desde o ano 2000 é Diretora do Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Brasília (UCB). A tese de doutorado da Professora Carmen foi sobre o compartilhamento de recursos e acesso à informação no Brasil. Percebemos que, já de algum tempo, ela vem se preocupando em oferecer serviços de informação de uma maneira mais ágil e cômoda para os usuários; realizou várias consultorias na área de administração de bibliotecas; foi diretora da área de cooperação e intercâmbio, normalização, sistemas especializados, programas multidisciplinares e redes. Portanto, possui uma ampla experiência na nossa área, e talvez por isso tenha conseguido criar um modelo de biblioteca digital dentro da universidade que atenda aos seus diversos públicos, uma realidade muito específica e ampla.

Passo a palavra para a Professora Carmen.

PALESTRA: CONSTRUINDO O FUTURO: A IMPLANTAÇÃO DA BIBLIOTECA DIGITAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA¹

MARIA CARMEN ROMCY DE CARVALHO

Diretora do Sistema de Bibliotecas



Boa tarde. Primeiramente agradeço à Laila, que me convidou há algum tempo para vir aqui ao Bibliotemas, ao Cristian, que depois formalizou o convite, e ao Arlan, que ficou me “cobrando” a apresentação. Também agradeço a presença de vocês, nesse fim

de tarde, por estarem aqui conosco, para compartilharem um pouco da experiência da Universidade Católica de Brasília (UCB), na construção de um futuro que, na verdade, já é a realidade, mas, como devemos estar sempre buscando metas a alcançar, esse futuro nunca chega! É com essa perspectiva que vamos apresentar, de uma forma bastante sucinta e sob a ótica do gestor, como foi a concepção e como está sendo a implantação da biblioteca digital da UCB.

A UCB é uma Universidade privada, sem fins lucrativos, de caráter filantrópico. Quer dizer, o “sem fins lucrativos” já é um sinal de que os projetos contam com recursos relativamente modestos. Então, a nossa biblioteca digital está sendo criada dentro de uma perspectiva orçamentária bastante limitada.

A UCB, atualmente, possui cerca de 35 cursos de graduação, nove programas pós graduação *stricto sensu* - mestrado e doutorado e cerca de vinte ou trinta cursos de *lato sensu*, do tipo especialização ou MBA. É esse o público que devemos atender com as bibliotecas físicas, que estão em

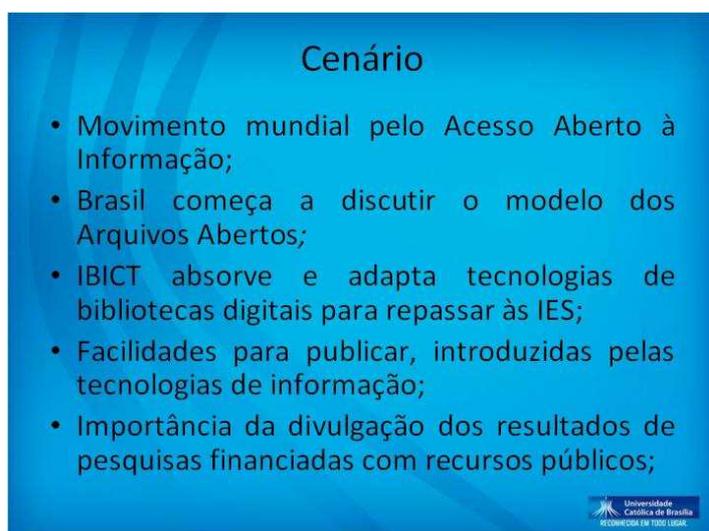
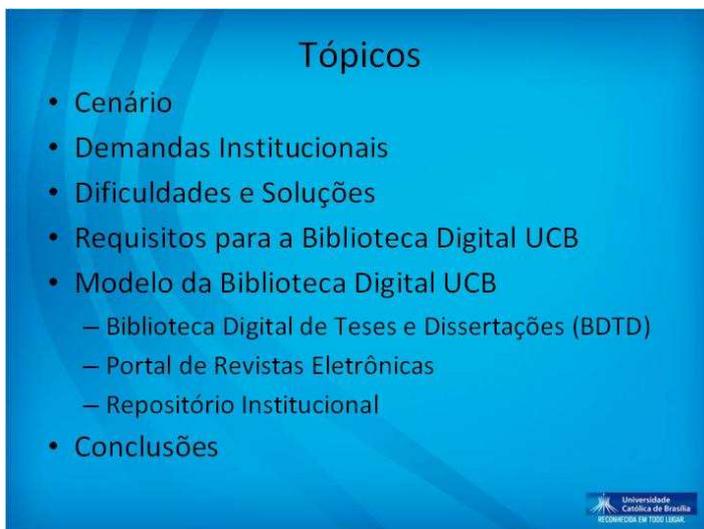
¹ Texto revisado pela autora.

Taguatinga e no Plano Piloto, onde funciona a pós-graduação e também alguns cursos de graduação e mais especificamente a biblioteca digital, que é o nosso tema de hoje. A UCB ainda possui cursos a distância, com cerca de seis mil alunos espalhados pelo país e, no exterior, onde a UCB possui quatro pólos funcionando nos seguintes países: Japão, Alemanha, Angola e Estados Unidos que será inaugurado proximamente. Então, além dos alunos presenciais, da graduação, da pós-graduação, do corpo docente e do corpo administrativo, temos também a incumbência de atender aos alunos dos cursos à distância espalhados ao redor do mundo.

Esse é mais ou menos este o universo que a biblioteca digital da UCB tem como público imediato para prestar serviços. E, como é uma instituição que atende à comunidade, também estamos abertos a atender qualquer pessoa que procure pelos nossos serviços. Esse é, digamos, o pano de fundo para que vocês entendam como está sendo construído e porque está sendo pensado esse modelo de biblioteca digital, que talvez seja, não digo o único, mas, conceitualmente, ele foge um pouco do que a literatura fala enquanto conceito de biblioteca digital. O conceito teórico

está embutido, mas tivemos que ampliar um pouco esse conceito para atender às demandas internas da Universidade.

No cenário de quatro ou cinco anos atrás quando começamos a desenhar o projeto da Biblioteca Digital



da UCB, que vem persistindo até o momento, temos o movimento mundial pelo acesso aberto à informação. Esse movimento é um bom tema para um próximo *Bibliotemas*, porque quem trabalha em biblioteca, atualmente, com recursos limitados e assina periódicos estrangeiros a peso de ouro, deve conhecer o movimento do acesso aberto, porque, mais dia ou menos dia, ele baterá às nossas portas, por algum dos atores, como a própria biblioteca, os autores e os editores.

Esse movimento mundial do acesso aberto prega que a informação deve circular mais livremente, porque, atualmente, o modelo de negócio, principalmente – acredito que também seja aplicado à área jurídica do ponto de vista da doutrina, mais do que à jurisprudência, que é pública – na área de informação científica está nas mãos de conglomerados ou grupos de editores internacionais. Isso faz com que eles determinem a os preços dos periódicos e das base de dados, tipos de acesso, o que pode ou não pode em relação ao direito autoral etc. Assim, o mercado consumidor – o público em geral ou a comunidade acadêmica, não determina a informação que vai acessar.

Há algum tempo, pesquisadores americanos e europeus vêm trabalhando com a idéia de que a informação científica deve ser pública e deve circular livremente, para que as pessoas possam absorver esse conhecimento, obviamente existe a barreira de língua, mas principalmente, deve circular livre da barreira econômica. Deve haver um mecanismo de circulação da informação, a fim de que os países e as sociedades possam se desenvolver de forma mais igualitária e que o cidadão possa absorver essa informação de uma forma mais conveniente e não fique preso às políticas comerciais de editores, já que a informação publicada é muitas vezes, resultado de pesquisas financiadas com recursos públicos. O grande mote desse movimento é que a informação financiada com recursos públicos, resultados de pesquisa, seja organizada e disponibilizada gratuitamente na internet.

No bojo dessa filosofia, vem a tecnologia, que coloca efetivamente a nformação, principalmente científica, em acesso aberto. O movimetno, portanto afeta, fundamentalmente, as bibliotecas universitárias, o público,

cientistas, os alunos, que, restritos, muitas vezes, pela questão econômica da instituição, deixam de assinar um periódico ou de ter acesso a uma base de dados, que poderia contribuir com as pesquisas e com o ensino daquela instituição. A questão do movimento do acesso aberto toca muito de perto as bibliotecas universitárias e especializadas.

A questão subsequente é que o Brasil começa a discutir, com a liderança do IBICT, o modelo de arquivos abertos em substituição à utilização de sistemas proprietários para a criação de base de dados, e a utilização de *softwares* livres, protocolos de intercâmbios de dados e o aproveitamento de metadados em de várias fontes. O engajamento a nesse movimento, possibilita maior visibilidade aos autores brasileiros a para futuras publicações e citações de seus trabalhos em revistas internacionais.

No atual modelo de negócios, o autor brasileiro que publica no exterior, a biblioteca da instituição à qual ele está vinculado, só terá acesso ao artigo, se assinar o periódico. Estudos demonstram que em algumas áreas do conhecimento, existem periódicos cuja assinaturas são tão caras quanto um carro do ano. Por isso temos que raciocinar em dólar – revistas que custam mais de trinta, ou quarenta mil dólares a assinatura anual. É um absurdo que a instituição que abriga o pesquisador tenha que pagar uma pequena fortuna para ter acesso à produção de uma pesquisa que ela mesma financiou ou que foi financiada com recursos públicos. O IBICT tem uma papel fundamental na disseminação desse movimento no Brasil ao absorver, adaptar e repassar às Instituições de Ensino Superior (IES) e de pesquisa as tecnologias de acesso aberto para criação de bibliotecas digitais. O primeiro a ser introduzido nas IES foi a biblioteca digital de teses e dissertações.

Outro aspecto do cenário atual é a facilidade de se publicar na *internet*. Po exemplo, qualquer pessoa hoje pode ser autor na Wikipédia, que a cada dia tem uma edição diferente, onde edita-se ou cria-se um verbete novo. Atualmente, a tecnologia possibilita qualquer pessoa a publicar. Se publicar é tornar público, e a *internet* é um espaço público de comunicação, um texto colocado em um *blog* é a publicação de um

pensamento. Com essa facilidade, qualquer um de nós pode ser um autor. Por isso, devemos ter cuidado.

As facilidades de publicação introduzidas pelas novas tecnologias, fazem com que as bibliotecas também sejam casas editoras. Ao invés de trabalharem apenas com o produto do processo da comunicação, como o livro, o artigo, um trabalho apresentado em um evento, os anais de um congresso científico, as bibliotecas e os seus usuários também têm facilidade de publicar. Esse ambiente propício à publicação muda o comportamento das pessoas e o das bibliotecas em relação ao processo de comunicação científica. A biblioteca pode ser mais atuante nesse processo, pode ser pró-ativa e não reativa, recebendo o livro, a revista e a base de dados prontos; pode publicar e produzir conteúdos, organizá-los e torná-los disponíveis na *internet*.

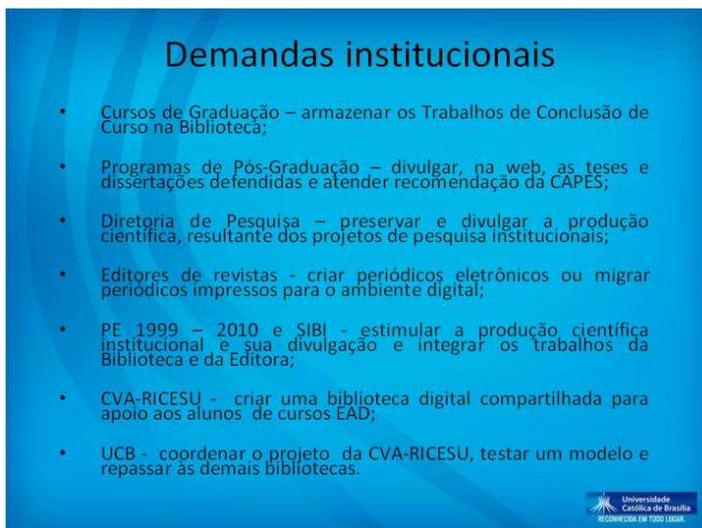
Por último, no cenário, temos a questão da divulgação dos resultados das pesquisas financiadas com recursos públicos. No Brasil, está tramitando um projeto de lei na Câmara dos Deputados para que todo resultado de pesquisa financiada com recursos públicos seja publicada em repositórios de acesso aberto na *internet*. É importante acompanharmos o andamento do processo e observarmos como o Brasil está integrando-se a esse movimento.

Estas foram as demandas apresentadas pelos diversos segmentos, que possibilitaram à entrada da Biblioteca da UCB na era da biblioteca digital e no processo de publicação eletrônica.

Em primeiro lugar, os

cursos de graduação, que têm um resultado anual enorme, com alguns milhares de alunos que defendendo suas monografias. Esse tipo de publicação oficializa a finalização de formação e alguém na instituição tem que se responsabilizar pela sua guarda. Tradicionalmente, algumas bibliotecas recebem, processam e guardam esse material; outras, não; Em outras instituições as monografias são armazenados nos próprios cursos. Na UCB havia uma demanda reprimida dos cursos de graduação, porque a Biblioteca da UCB não recebia trabalhos de conclusão de curso, por razões de espaço e até por questões de plágio, o que determinou à época, que não haveria a guarda desse material para consulta. Mas, toda vez que mudava o diretor do curso, novas solicitações dessa natureza eram feitas à Biblioteca, inclusive para que o material ficasse disponível para consulta, o que a maioria dos cursos não tinha condições adequadas de proporcionar. Infelizmente, o espaço físico da Biblioteca também não comportava e então começamos a pensar em outras alternativas para resolver o problema, uma vez que não podíamos fugir dele, mas também não podíamos atender como os cursos queriam, ou seja, recebendo e disponibilizando o material impresso. A alternativa mais viável era receber e disponibilizar o acesso ao documento eletrônico, e isto foi sendo amadurecido, esperando o momento propício para ser tratado.

Os programas de pós-graduação pretendiam divulgar na *Web* também as suas teses e dissertações e precisávamos divulgar de forma organizada e sem ferir o direito autoral. A Diretoria de Pesquisa mantém um sistema para cadastramento de pesquisas e de referência da



Demandas institucionais

- Cursos de Graduação – armazenar os Trabalhos de Conclusão de Curso na Biblioteca;
- Programas de Pós-Graduação – divulgar, na web, as teses e dissertações defendidas e atender recomendação da CAPES;
- Diretoria de Pesquisa – preservar e divulgar a produção científica, resultante dos projetos de pesquisa institucionais;
- Editores de revistas - criar periódicos eletrônicos ou migrar periódicos impressos para o ambiente digital;
- PE 1999 – 2010 e SIBI - estimular a produção científica institucional, e sua divulgação e integrar os trabalhos da Biblioteca e da Editora;
- CVA-RICESU - criar uma biblioteca digital compartilhada para apoio aos alunos de cursos EAD;
- UCB - coordenar o projeto da CVA-RICESU, testar um modelo e repassar às demais bibliotecas.

Universidade Católica de Brasília
RECONECTAR EM TODOS LUGARES

produção científica resultante também queria ter um ambiente eletrônico para armazenar esse conteúdo e deixá-lo à disposição de outros pesquisadores e da comunidade interessada solicitou a criação de um ambiente para armazenar e disponibilizar as publicações resultantes das pesquisas institucionais.

Praticamente ao mesmo tempo, editores de revistas da UCB que acompanhando a tendência da criação de revistas eletrônicas também queriam fazer essa transposição ou criar novas revistas, mas dentro de um novo ambiente.

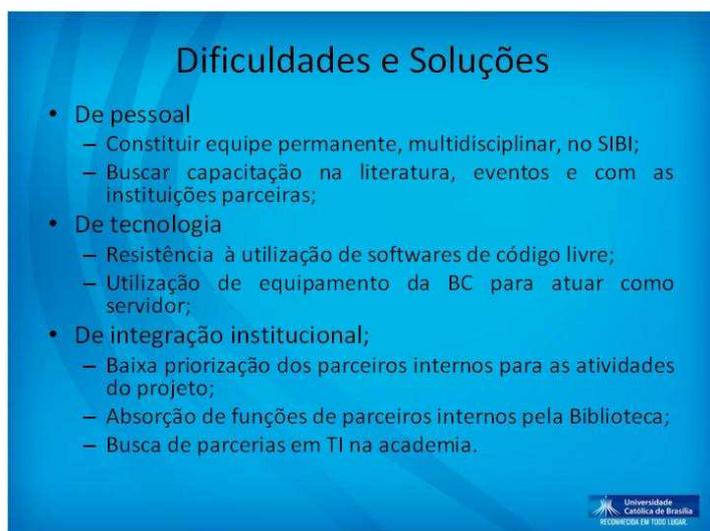
O Plano Estratégico (PE) da Universidade, de 1999 a 2010, identificou a necessidade de estimular-se a produção científica e a publicação dos resultados do ensino e da pesquisa da Universidade. A Biblioteca assumiu um parte desse compromisso de auxiliar os cursos a realizarem produções mais elaboradas, identificando quais eram os periódicos de maior fator de impacto e de ajudar a ampliar a divulgação dos trabalhos realizados internamente. Havia uma demanda também não expressa para que fosse criado um modelo de divulgação, mas que facilitasse a publicação desse tipo de material.

A UCB participa da Comunidade Virtual de Aprendizagem da Rede de Instituições Católicas de Ensino Superior (CVA-RICESU), composta hoje por 12 instituições entre universidades católicas e pontifícias, para cooperação mútua no âmbito da educação a distância. Por isso, a expressão "Comunidade Virtual de Aprendizagem".

A UCB, à época, coordenava o grupo gestor dessa Rede e solicitou a Biblioteca da UCB que coordenasse um projeto de biblioteca digital para atender a essa comunidade, ou seja, aos alunos de EAD (Educação a Distancia) das 12 instituições. A UCB assumiu a coordenação do projeto da Biblioteca Digital da CVA-RICESU e para iniciar o projeto, criou a sua própria biblioteca digital de teses e dissertações com o objetivo de criar um modelo, testá-lo e repassá-lo para as demais instituições.

Todas essas demandas chegaram praticamente na mesma época. Cada dia chegava uma demanda: a revista na internet, o trabalho de conclusão do curso (TCC) publicado em PDF (Portable Document Format)

na página do curso. Muitos cursos chegaram a criar *links* nas suas páginas web para divulgar os TCCs e artigos. Quando vimos se não fizessemos nada a Biblioteca perderia terreno porque os cursos e programas iriam criar suas publicações eletrônicas à maneira deles, resolvemos, então, assumir o desafio de criar um modelo para atender a essas múltiplas demandas.



Antes de chegar ao modelo, falaremos das dificuldades encontradas e como tentamos solucioná-las. Primeiramente, as referentes à questão de pessoal. As bibliotecas universitárias, especificamente, têm esse problema, que é quantitativo

e não qualitativo: é muito trabalho para poucos e há uma rotatividade grande, porque nenhuma instituição privada em Brasília consegue concorrer com os concursos do Judiciário ou do Legislativo. Laila Dantas fez parte da primeira geração e Estela Ribeiro, aqui presente é a “quarta geração” de bibliotecários da biblioteca digital, mesmo com os percalços na equipe precisamos persistir para alcançarmos os objetivos propostos. Temos dificuldade em constituir uma equipe permanente e multidisciplinar no Sistema de Bibliotecas, devido a essa questão dos concursos. Sabemos que todos os espaços da universidade são também espaços de aprendizagem. As pessoas estão ali para aprenderem e, obviamente, buscarem outros caminhos. Mas, para quem está como gestor, a rotatividade é uma situação complicada.

Outra dificuldade é quanto à capacitação do pessoal. Numa área nova, em que todos estão começando, precisamos trocar *e-mails*, participarmos de eventos, lermos muito e acompanharmos a literatura. Temos uma facilidade de atualização que é o acesso integral ao Portal de Periodicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que propicia o acesso a boas revistas na área de

informação. Com isto, vamos formando as equipes e capacitando o pessoal até que um dia ele passe em um concurso.

Quanto à tecnologia – acredito que esteja presente alguém da área de informática, onde há uma certa resistência na utilização de *softwares* de códigos livres, porque as instituições estão acostumadas, não só as da área privada como também as da área pública, a trabalhar com *softwares* proprietários – precisamos, insistentemente, explicar que esse é um outro momento, e que a biblioteca precisa desse movimento do acesso livre para ter mais agilidade para criar novos serviços. A biblioteca, comprometida com serviços permanentes, precisa estar atenta às inovações de serviços que estão surgindo com a filosofia de *softwares* livres e adaptar-se. Sabemos que existem sistemas de bibliotecas digitais proprietários caríssimos, para os quais não temos condições, obviamente, de assinar e manter uma assinatura. Nestes casos, não se possui nada, pois, na verdade, não se compra o sistema, mas aluga-se um espaço em disco, um *data center*, que entrega um sistema pronto para o usuário colocar seus conteúdos.

No início do projeto, as dificuldades relacionadas à tecnologia foram sérias, mas aos poucos conseguimos vencer os obstáculos. À época, não havia um servidor disponível para sediar a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Decidimos, então, após negociação com a área de TI, disponibilizar um computador comum da própria Biblioteca como servidor cuja configuração não mais me recordo – a Laila estava lá nessa época e vai se lembrar – ao invés de ficarmos esperando a compra de um computador novo ou a realocação de sistemas para que se tivesse um servidor exclusivo para a Biblioteca Digital. Responsabilizei-me pela instalação do serviço neste desktop e foi com ele que colocamos a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações em funcionamento.

Outra dificuldade diz respeito à baixa integração institucional. Esse é um problema sério e um desafio que enfrentamos quase todos os dias. Não se trata de resistência, mas sim de uma baixa priorização para as atividades ou projetos da biblioteca que envolvem tecnologia da informação. Sempre há muitos questionamentos e, à medida que surgem,

vamos explicando e criando um ambiente de entendimento, para que o um novo serviço possa ser realmente implantando.

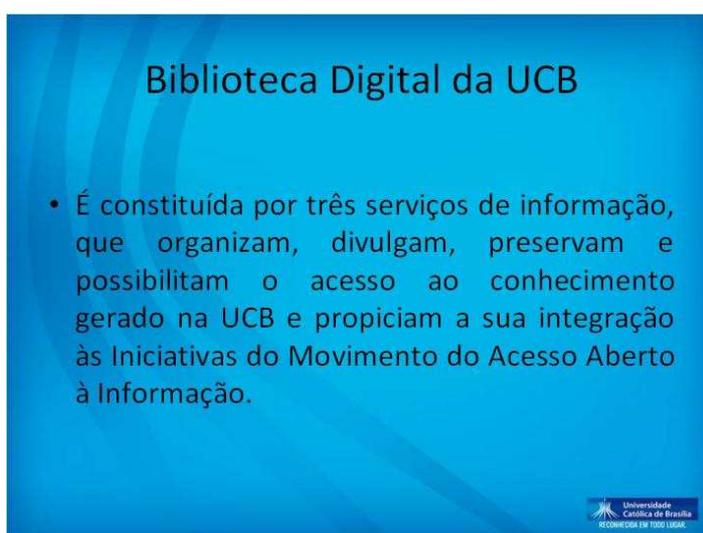
Outro problema refere-se à absorção de funções de parceiros internos, como vou mostrar depois, e que tiveram que ser assumidas pela Biblioteca, para que se desse seguimento ao projeto. Essa atitude foi muito ruim, não aconselho, mas, às vezes, temos que ceder um pouco para conseguirmos ir mais adiante com o projeto.

Como uma solução para o desenvolvimento, buscamos parcerias da área de Tecnologia da Informação (TI) dentro da Academia para que o projeto não ficasse parado. A Biblioteca Digital da UCB, atualmente, é um serviço contínuo, totalmente absorvido pela Coordenação de TI (CTI), mas começou como um projeto de pesquisa porque, se não fosse dessa forma, não começaria.

O Repositório Institucional começou como um projeto de pesquisa, e foram alocados professores para desenvolvê-lo. Numa determinada época, o projeto chegou a contar com estagiários. No último semestre, pela impossibilidade de o pesquisador continuar, o projeto foi repassado para os analistas da CTI, que estão fazendo os últimos ajustes necessários ao início da fase de produção.

A Biblioteca Digital da UCB é constituída por três serviços de informação. Não é uma única biblioteca, é um “guarda-chuva” composto de três serviços que organizam, divulgam, preservam e possibilitam o acesso ao conhecimento gerado na UCB – quando falamos na

biblioteca digital da universidade, estamos falando do conceito de um serviço, e não é um único serviço, e que propicia a integração da Universidade às iniciativas do movimento pelo acesso aberto à informação.

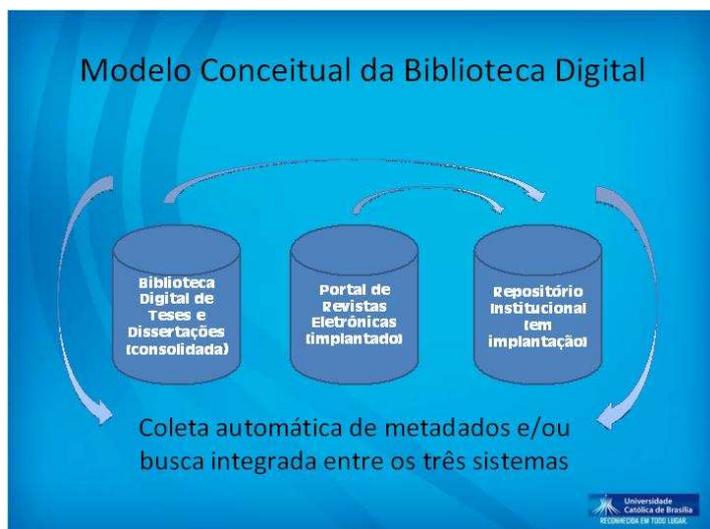


Para a Biblioteca Digital da UCB foram colocados os seguintes requisitos: – quando falo biblioteca digital, estou falando dos três serviços – adesão ao modelo dos arquivos abertos; utilização de *softwares* livres, com protocolo de coleta

automática de metadados para alimentar outros repositórios do Brasil ou em outros lugares; utilização de aplicações já desenvolvidas e testadas, preferencialmente, em ambiente universitário. Tivemos muito apoio do STJ no caso do *DSpace*. Os serviços anteriores foram criados quase especificamente para o ambiente acadêmico, o que para nós foi positivo porque, no ambiente de aplicação, as dificuldades são bastante semelhantes; adoção de padrões e formatos nacionais e internacionais para garantir essa interoperabilidade, fazendo com que o nosso conteúdo fique aberto para rastreamento de qualquer outro sistema, que é a filosofia do modelo dos arquivos abertos; corresponsabilidade operacional entre a academia (cursos, programas e outros), os professores, a biblioteca e a área de TI, que são os três grandes atores na operacionalização da biblioteca digital.

Requisitos para a Biblioteca Digital UCB

- Adesão ao modelo dos Arquivos Abertos;
- Utilização de softwares livres;
- Utilização de aplicações já desenvolvidas e testadas no Brasil, preferencialmente, em âmbito universitário;
- Adoção de padrões e formatos nacionais/internacionais, para garantir a interoperabilidade;
- Co-responsabilidade operacional entre a Academia, a Biblioteca e a área de TI.



O modelo conceitual da biblioteca digital possui três bancos de dados ou três bibliotecas digitais: uma de teses e dissertações, que já está consolidada; um portal de revistas eletrônicas, que já está implantado, encontrando-se em fase de consolidação; e o repositório

institucional, que está em fase de implantação.

Almejamos que essas três, de alguma maneira, no futuro, conversem entre si por meio de uma coleta automática de metadados ou por meio de uma busca integrada. Como esse modelo está evoluindo muito rápido, é possível que em breve tenhamos soluções para esta integração. No momento, estamos realizando estudos do que é possível fazer para integrar a biblioteca digital de teses e dissertações e o repositório, assim como do portal de revistas para o repositório. No final este, sim, será a grande estrutura da Biblioteca Digital da UCB.

Começando pelo primeiro serviço, cujo endereço é :

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/index.php

- Biblioteca digital que reúne as teses e dissertações aprovadas nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, com o objetivo de organizar, divulgar, dar acesso e preservar este tipo de produção institucional.
- Compromissos externos:
 - Atender à Portaria nº 13/2006 da CAPES;
 - Colaborar com a Biblioteca Digital da CVA- RICESU e a BDTD do IBICT.

Universidade Católica de Brasília
RECONHECIDA EM TODO BRASIL

http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/index.php que reúne teses e dissertações dos programas com o objetivo de organizar, divulgar e preservar esse tipo de produção.

Especificamente, os senhores podem perguntar por que não migramos todos os serviços para uma única estrutura. Respondo que cada um dos três serviços tem compromissos externos que precisam ser preservados, que impossibilita que, de repente, possamos adotar outro modelo mais centralizado. Desta forma, temos que manter o modo atual até que tenhamos condições de responder por esses compromissos dentro do modelo final da biblioteca digital.

No caso da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações ela atende à Portaria nº 13, de 2006, da CAPES. Quando a Portaria foi assinada a UCB que já tinha a sua biblioteca digital de teses e dissertações implantada. Então a Portaria veio reforçar o objetivo de que todas as teses de dissertações fossem, efetivamente, depositadas e publicadas. Essa Portaria, entre outras coisas, diz que todo curso de pós-graduação, credenciado pela CAPES, tem que publicar o conteúdo integral das dissertações e das teses na *internet*, em qualquer lugar. Ela só veio reforçar o serviço que já tínhamos colocado disponível, pelo menos, um ano e meio antes.

Ainda no caso de teses e dissertações, temos o compromisso externo de colaborar com Biblioteca Digital da CVA-RICESU que foi criada também por coleta automática de metadados, além do compromisso com o IBICT, pois a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, em âmbito nacional, é alimentada pela coleta das bibliotecas institucionais. Por todas essas razões, temos que manter essa estrutura até que uma nova possa substituí-la com todas as suas peculiaridades, inclusive a coleta automática dos metadados.



Estrutura operacional

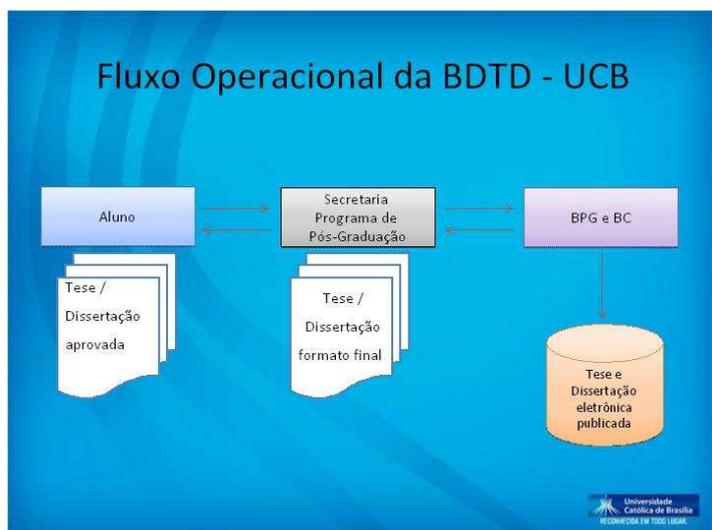
- Sistema/metodologia TEDE – desenvolvida pelo IBICT, com base na metodologia ETD da Virginia Tech
- Formato – MDT-BR
- Programas de PG *Stricto Sensu*
 - Secretaria
 - Corpo docente
- Biblioteca de Pós-Graduação
- Biblioteca Central
 - Coordenação de Serviços Bibliográficos
 - Coordenação de Desenvolvimento e Promoção da Informação
- Coordenação de Tecnologia da Informação

Universidade Católica de Brasília
Educação em Toda Vida

Na estrutura operacional, utiliza-se o sistema TEDE, desenvolvido pelo IBICT, baseado em uma metodologia desenvolvida na *Virginia Tech*, nos Estados Unidos, com um formato adaptado para as condições

brasileiras, em que se faz o *link* com o nome do autor, nome do orientador, por exemplo, para o Currículo Lattes. O TEDE não é uma mera tradução da metodologia, mas uma adaptação à realidade científica e acadêmica brasileira.

Seguindo, temos os programas de pós-graduação, onde atuam a secretaria e o corpo discente, que fornecem o material; a biblioteca da pós-graduação, e faz, digamos, o meio de campo entre os alunos, a secretaria e a biblioteca central que recebe esse material para processar, tanto o impresso quanto o digital, e fazer a publicação na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações; e a coordenação de TI, que oferece suporte no que se refere à infraestrutura, a redes e outros.



Este é o fluxo operacional da BDTD da UCB: o aluno elabora a dissertação ou tese que depois de aprovada, encaminha para a Secretaria, após os ajustes na redação e entrega o formato final para que a Biblioteca da Pós-Graduação e a Central, que

façam os depósitos e as inserções necessários.

O primeiro modelo que implantamos na UCB foi o dito descentralizado: o aluno era quem fazia o depósito. Porém, após a entrega da versão final, ele formava e ninguém conseguia mais encontrá-lo. Com isso, tínhamos uma grande problema com o processo que não se completava, porque o aluno desempenhava uma parte, a Secretaria outra parte e a Biblioteca também tinha uma parte do processo. No final, haviam muitos registros incompletos, porque não conseguíamos fechar o ciclo. Com muita relutância, tivemos que abrir mão deste modelo mais descentralizado, e assumimos funções que, originalmente, foram previstas para serem executadas fora da biblioteca.

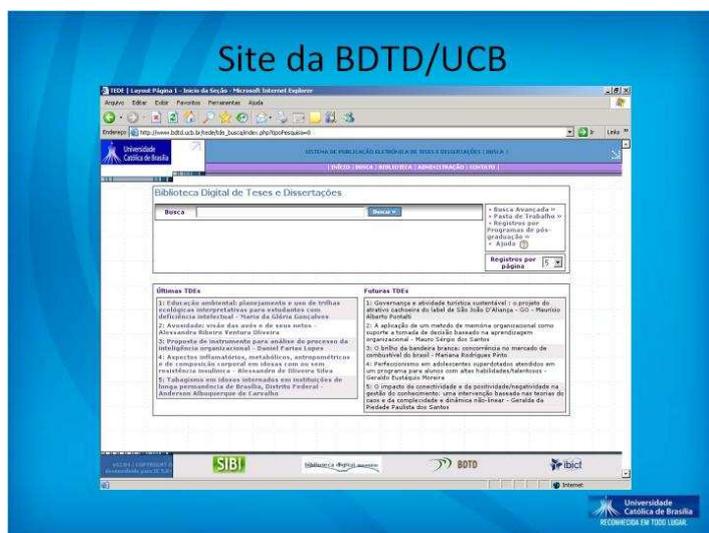
Fatos da BDTD

- Armazena 724 teses e dissertações de 09 Programas de PG;
- Contribui com a Biblioteca Digital da CVA-RICESU, por meio de coleta automática de metadados;
- <http://www.biblioteca.ricesu.com.br/>
- Contribui com a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT, por meio de coleta automática de metadados
- <http://bdttd2.ibict.br/>
- Contribui com a *Networked Digital Library of Thesis and Dissertations (NDLTD)*, por meio de coleta automática de metadados.
- <http://www.ndltd.org/>



Atualmente, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) armazena 724 teses e dissertações dos nove programas de pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado; contribui com a Biblioteca Digital a RICESU, por meio

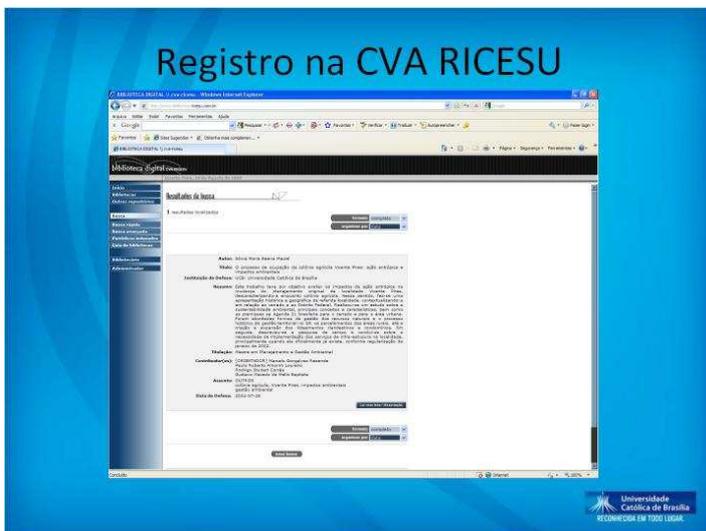
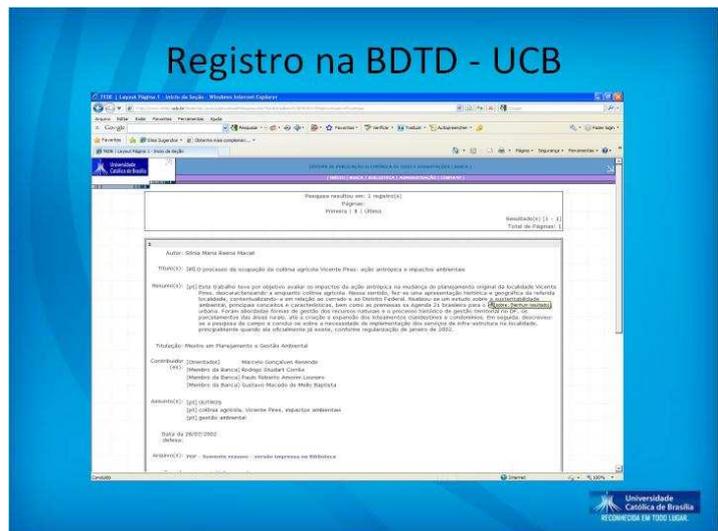
da coleta automática dos metadados, o mesmo acontecendo para com a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT. Por último, a BDTD participa de grande rede que é a *Networked Digital Library of Thesis and Dissertations (NDLTD)*, que faz também a coleta automática de metadados, no IBICT, que é o agregador das teses e dissertações no âmbito nacional.



Esse é o *site* da BDTD, que não possui muita flexibilidade de layout, que é o mesmo para todas as que utilizam a metodologia. A única mudança que conseguimos fazer é em relação às cores, bem esta é a sua apresentação. Infelizmente, quando se

recebe algo pronto, customiza-se o que é possível e segue-se adiante.

Fiz uma busca e – visto que este material estará disponível – trago este exemplo – pelo fato de ser um *print screen* não se consegue uma boa visualização – que é uma dissertação sobre as condições ambientais da Colônia Vicente Pires.



O exemplo é para mostrar que essa dissertação de mestrado foi depositada na Biblioteca Digital da UCB, depois foi incluída na Biblioteca Digital CVA-RICESU - quando recebeu outra apresentação.

É o mesmo metadado que está sendo mostrado no site da CVA-RICESU, do IBICT e, por fim, da NDLTD.





Trata-se da mesma dissertação, que foi sendo agregada em vários outros repositórios.

A chance de o trabalho, por meio desses registros redistribuídos, ser visualizado é muito maior do que se estivesse disponível

em um único serviço, pelo acesso a um *site* de uma universidade de porte mediano, como a nossa. Na medida em que são disponibilizados os arquivos para coleta automática por outras redes e serviços, existe uma possibilidade maior de que aquele material seja conhecido, lido, usado e citado. Essa é a grande moeda da Academia: a citação.

O Portal de Revistas Eletrônicas da UCB é um serviço de informação que tem também o compromisso com a gestão das revistas eletrônicas. O Portal proporciona a criação da revista, mas o editor administra-a por meio do sistema. Não se apenas de disponibilizar o PDF do artigo, mas todo processo de submissão de artigos, pelos autores, o envio dos originais para avaliadores, para os revisores de texto; tudo é encaminhado pelo próprio sistema.

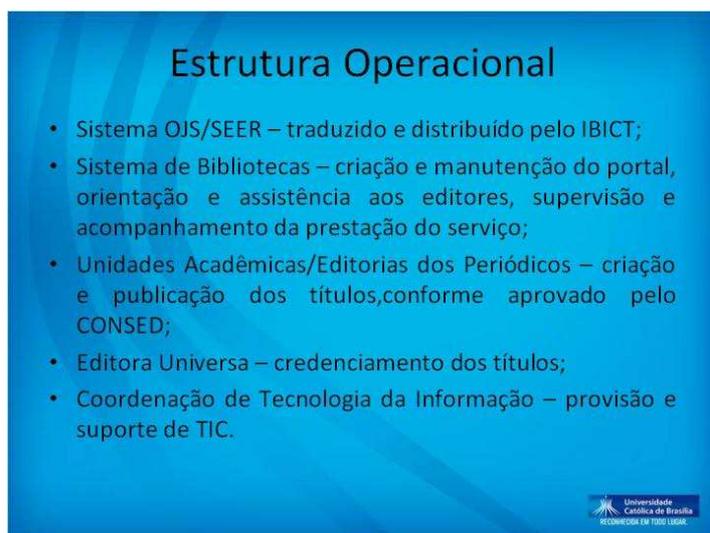
Portal de Revistas Eletrônicas da UCB
<http://portalrevistas.ucb.br/>

O Portal de Revistas Eletrônicas da UCB é um serviço de gestão, divulgação e acesso aos periódicos científicos da UCB, com o objetivo de:

- Reunir os periódicos, para aumentar a visibilidade de cada um e contribuir para a citação dos artigos publicados.
- Atuar como um serviço de informação de valor agregado, que possibilita a busca de artigos em cada periódico separadamente, em um conjunto de títulos ou em todos os títulos ao mesmo tempo;

Os objetivos desse portal são: reunir todos os periódicos credenciados para aumentar a visibilidade de cada um; contribuir para a citação dos artigos publicados; atuar como um serviço de informação de valor agregado, que possibilita a busca de artigos em cada periódico, separadamente, em um conjunto de títulos ou em todos os títulos ao mesmo tempo. Na verdade, o sistema gerencia o periódico e cria uma

base de dados de artigos. A busca pode ser feita nos artigos de uma revista apenas ou na base de dados de artigos de todos os títulos. Ou seja, cria-se uma biblioteca digital de um determinado conteúdo, com um serviço de valor agregado. Há por trás todo o trabalho do editor e uma facilidade para o usuário, o qual não precisa “folhear” de revista em revista ou de PDF em PDF, devido ao sistema de busca que proporciona a localização do material de interesse.



Estrutura Operacional

- Sistema OJS/SEER – traduzido e distribuído pelo IBICT;
- Sistema de Bibliotecas – criação e manutenção do portal, orientação e assistência aos editores, supervisão e acompanhamento da prestação do serviço;
- Unidades Acadêmicas/Editorias dos Periódicos – criação e publicação dos títulos, conforme aprovado pelo CONSED;
- Editora Universa – credenciamento dos títulos;
- Coordenação de Tecnologia da Informação – provisão e suporte de TIC.

Universidade Católica de Brasília
ECONOMIA EM TODA LINGUAGEM

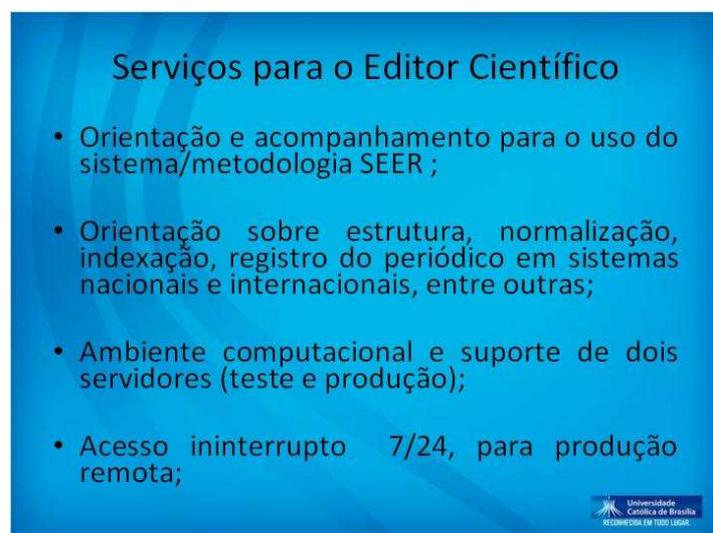
Quanto à estrutura operacional, o portal utiliza o sistema eletrônico de editoração de revista OJS/SEER, que foi traduzido e é distribuído pelo IBICT, do sistema *Open Journals Systems (OJS)*, criado pela *The University of British Columbia*, no Canadá.

O SIBI criou e mantém o portal, que é composto pelos *sites* individuais de cada revista, que são administrados pelos editores das revistas. O SIBI administra o portal como um todo e também orienta e presta assistência aos editores, tanto no uso da plataforma, quanto na prestação do serviço. Muitas vezes o editor nunca editou uma revista antes, então a Biblioteca orienta sobre o que é um periódico científico, os compromissos, critérios de um periódico científico, entre outras questões.

As unidades acadêmicas e as editorias criam o periódico e têm o compromisso de publicá-lo, conforme foi aprovado pelo conselho da editora. Nesse ponto, há uma questão interessante. O SIBI apenas coordena o Portal, mas não é quem credencia os periódicos para entrar no portal. Como os periódicos são editados pela editora da universidade, a migração ou a criação de um periódico eletrônico tem que passar pelo conselho editorial, que é quem analisa as publicações científicas a serem editadas pela universidade. Então também as revistas eletrônicas precisam passar pela aprovação do conselho editorial. Atualmente, temos

oito títulos aprovados e quatro periódicos já estão publicados. Da mesma maneira que as teses e dissertações passaram por uma banca examinadora, tendo sido aprovados, o periódico científico, para ser publicado, tem que passar por uma aprovação prévia do conselho editorial, que é formado por docentes da universidade e docentes externos convidados.

A editora credencia os títulos e a coordenação de TI faz a provisão e o suporte nas áreas de TI e Comunicação.



Serviços para o Editor Científico

- Orientação e acompanhamento para o uso do sistema/metodologia SEER ;
- Orientação sobre estrutura, normalização, indexação, registro do periódico em sistemas nacionais e internacionais, entre outras;
- Ambiente computacional e suporte de dois servidores (teste e produção);
- Acesso ininterrupto 7/24, para produção remota;

Universidade
Cidade de Brasília
RECONHECIDA EM TODO BRASIL

Temos os seguintes serviços para o editor científico: orientação e acompanhamento para o uso do sistema, de que já havia falado; orientação sobre estrutura, normalização e indexação. Muitas vezes, o editor quer a sua revista publicada numa base

internacional – não sabe qual é a base. A Biblioteca, então, identifica quais são as bases de dados que fazem indexação de periódicos naquela área específica, indicando quais são os critérios de avaliação, de modo que a revista observe os critérios para ser aprovada.

Outro serviço prestado para o editor é a manutenção de um ambiente computacional, sendo um de teste e um de produção. Toda revista, primeiramente, é criada em um servidor de teste para que o editor possa aprender e testar o uso da metodologia, para, posteriormente, fazer o trabalho em um servidor definitivo. Caso contrário, ele estaria disponibilizando o seu teste para todos, na internet.

Quanto à adesão ao portal, não vou entrar em detalhes, mas existe todo um processo de encaminhamento em que o editor se compromete com uma série de questões para possa receber o login e a senha para fazer os testes e inserir o seu conteúdo.

Adesão ao Portal

- Encaminhamento, pelo Editor, de carta de adesão e projeto da revista eletrônica à Direção da Editora Universa, da UCB.
- avaliação do projeto pelo Conselho Editorial da Editora Universa;
- em caso de aprovação, criação do título, *login* e senha no servidor de testes e orientação para participação em treinamento do SEER;
- criação do periódico e realização de testes pela equipe do periódico;
- revisão final da página do periódico pela equipe do Portal;
- em caso de aprovação, liberação de *login* e senha do servidor de produção do Portal, para criação dos números retrospectivos e arquivos, se houver, e publicação definitiva.



Revistas aprovadas pelo CONSED

- **Implantadas no Portal**
 - EFR - Educação Física em Revista - Curso de Educação Física
 - Revista de Letras - Curso de Letras
 - Comunicologia - Mestrado em Comunicação
 - Revista Brasileira de Ciência e Movimento – Programa de PG em Educação Física
- **Em processo de implantação**
 - Revista de Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação – Mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação.
- **Não iniciadas**
 - Physio - Revista do Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Brasília
 - Revista Dialogos - Pró-Reitoria de Extensão
 - Revista Direito em Ação - Curso de Direito

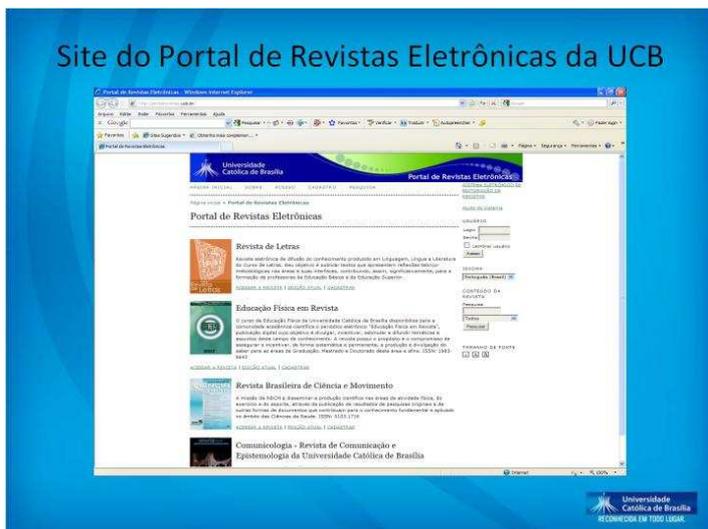


Diversas revistas já foram implantadas: Educação Física em Revista, do curso de graduação em Educação Física; Revista de Letras, do curso de Letras; Revista de Comunicologia, do mestrado em Comunicação. Essas três revistas já nasceram eletrônicas. Temos ainda a

Revista Brasileira de Ciência e Movimento, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, que é a revista impressa mais antiga da UCB, e agora também em versão eletrônica.

Encontra-se em implantação a Revista Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação, do mestrado em Gestão do Conhecimento. E ainda três revistas: Revista Direito em Ação, do curso de graduação em Direito; Revista Dialogos, da Pró-Reitoria de Extensão e a Revista Physio, do Curso de Fisioterapia, que já foram aprovadas pelo Conselho Editorial, e encontram-se em fase de estudos de configuração.

Site do Portal de Revistas Eletrônicas da UCB



Essa é apresentação do *site* do Portal de Revistas Eletrônicas da UCB. Quando acessamos o *site*, aparecem as revistas que estão publicadas e no menu acima as informações sobre o funcionamento do Portal. Clicando em cada uma das revistas, somos direcionados

ao *site* específico em que se pode ver o último número publicado e todos os números anteriores com os seus respectivos arquivos.

Por último, temos o repositório institucional, que está ainda em fase de implantação. O repositório institucional é uma biblioteca digital, a mais ampla, porque possui tanto produção docente quanto discente e vários tipos de documentos. Tem aquele mesmo objetivo:

organizar, reunir, preservar e dar acesso ao conhecimento gerado pela Universidade. Possui o compromisso de complementar as iniciativas de gestão do conhecimento em andamento na Universidade, que ente outras incluem o Sistema de Gestão da Pesquisa, que cadastra da produção científica resultante dos projetos e o Portfólio de Competências. A idéia é que o aluno e o docente publiquem sua produção no repositório institucional, para que os usuários tenham acesso ao conteúdo.

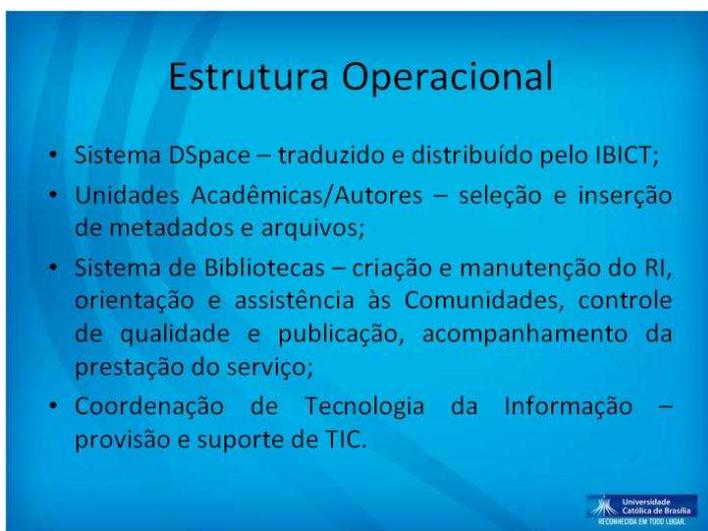
A UCB também assumiu o compromisso de atuar como o projeto piloto da metodologia do repositório e orientar o desenvolvimento da Biblioteca Digital da CVA-RICESU, cujo modelo e a operação já estão ultrapassados. Por isso estamos testando, mais uma vez, para então

Repositório Institucional

<http://repositorio.ucb.br/ri/>

- Biblioteca Digital da produção docente e discente, com a objetivo de organizar, divulgar, dar acesso e preservar o conhecimento gerado pela comunidade acadêmica da UCB.
- Compromissos :
 - Complementar as iniciativas de gestão do conhecimento como o Sistema de Gestão da Pesquisa e Portfólio de Competências;
 - Atuar como piloto para o desenvolvimento da Biblioteca Digital da CVA-RICESU;

repassar essa metodologia para as doze instituições ou para quem se interessar, pois não é obrigatório.



Estrutura Operacional

- Sistema DSpace – traduzido e distribuído pelo IBICT;
- Unidades Acadêmicas/Autores – seleção e inserção de metadados e arquivos;
- Sistema de Bibliotecas – criação e manutenção do RI, orientação e assistência às Comunidades, controle de qualidade e publicação, acompanhamento da prestação do serviço;
- Coordenação de Tecnologia da Informação – provisão e suporte de TIC.

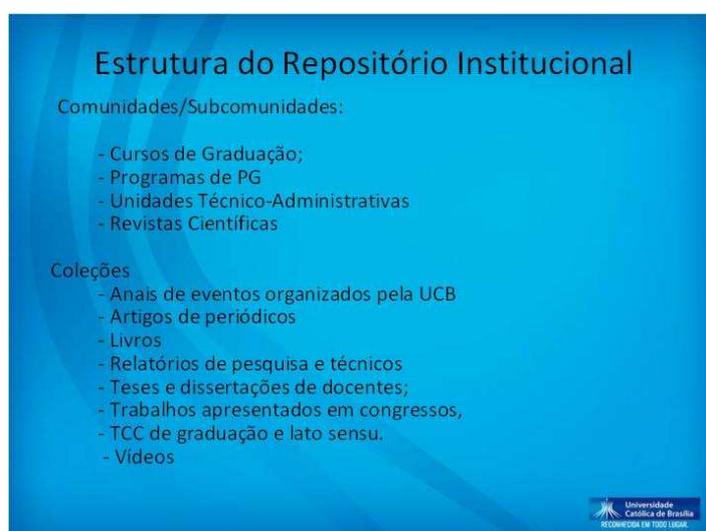
Universidade Católica de Brasília
RECONHECIDA EM TODO BRASIL

A estrutura operacional é o sistema DSpace, traduzido e distribuído pelo IBICT, dentro filosofia de acesso aberto. O repositório funciona com as unidades acadêmicas e os autores, como depositantes. Vamos adotar o

autoarquivamento, pois a biblioteca não tem condições de assumir a inserção de metadados e conteúdos sem a participação do próprio autor. A entrada dos trabalhos de conclusão de curso ficará centralizada na coordenação de cada curso, a qual será responsável também por definir a política de entrada desse material.

O SIBI cria e mantém o repositório, presta assistência às comunidades, o controle de qualidade e a publicação para disponibilização na *internet*. Fazemos também o acompanhamento da prestação de serviços, com a participação do pessoal de TI.

A estrutura do repositório possui comunidades e subcomunidades e coleções que é a estrutura padrão do DSpace, não fizemos inovações. As comunidades são os cursos de graduação, programas de pós-graduação, unidades técnico-



Estrutura do Repositório Institucional

Comunidades/Subcomunidades:

- Cursos de Graduação;
- Programas de PG
- Unidades Técnico-Administrativas
- Revistas Científicas

Coleções

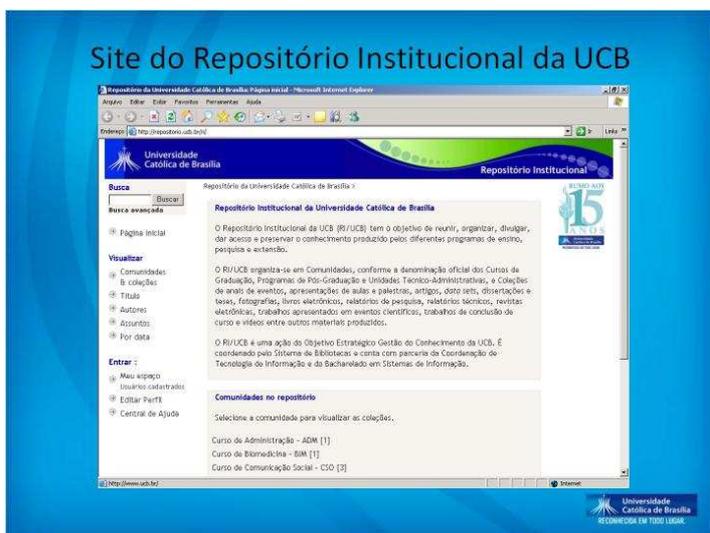
- Anais de eventos organizados pela UCB
- Artigos de periódicos
- Livros
- Relatórios de pesquisa e técnicos
- Teses e dissertações de docentes;
- Trabalhos apresentados em congressos,
- TCC de graduação e lato sensu.
- Vídeos

Universidade Católica de Brasília
RECONHECIDA EM TODO BRASIL

administrativas e, possivelmente algumas revistas, que não se enquadram no modelo de revista adotado pela editora da UCB. O proposta

repositório também poderá abrigar revistas institucionais que sejam mais técnicas ou informativas.

As coleções para as quais definimos metadados são: anais de eventos, organizados pela UCB; artigos de periódicos; livros de autores que queiram publicar eletronicamente no repositório; relatórios de pesquisa e técnicos; teses e dissertações. Digamos que um programa de pós-graduação além de ter as dissertações e teses na biblioteca digital, deste material queira também colocar no repositório as suas teses e dissertações, para que tenham toda a sua produção junto com os artigos, trabalhos apresentados em eventos, anais e outros. Estamos estudando a possibilidade de migrar os metadados da BDTD para o repositório para evitar retrabalho. Outras coleções são os trabalhos de conclusão de graduação em **lato sensu** e vídeos.



Essa é a apresentação do site do repositório institucional. Há um pequeno texto de saudação de boas-vindas. Quem conhece o DSpace sabe que não alteramos muitas coisas, por enquanto, para colocá-lo rapidamente em produção, até porque já

existe alguns materiais publicados.

À guisa de conclusão – se é que podemos ter uma única conclusão a respeito de projetos que atendem a públicos tão variados – a implantação da biblioteca digital tem-nos proporcionado muitos benefícios: a oportunidade

Conclusões

- A implantação da Biblioteca Digital da UCB proporciona:
 - oportunidade de aprendizado contínuo – na gestão e na área técnica;
 - Desenvolvimento de trabalho em colaboração no âmbito interno e externo e com a Rede de Bibliotecas CVA-RICESU;
 - Adesão da Universidade em iniciativas do Movimento do Acesso Aberto à Informação;
 - Mudança na imagem que a comunidade universitária tem da biblioteca, inovadora e pró-ativa no processo de comunicação científica institucional.

de aprendizado contínuo, pois diariamente descobre-se uma interface ou uma aplicação nova, tanto na área técnica quanto na área de gestão. Eu, que estou na gestão da estrutura como um todo, devo acompanhar essa discussão na área técnica para negociar tanto as parcerias internas quanto as externas, sem entrar tanto nos detalhes técnicos. Esse modelo foi concebido há cinco anos, mas a parte técnica tem que ser ajustada praticamente todo dia.

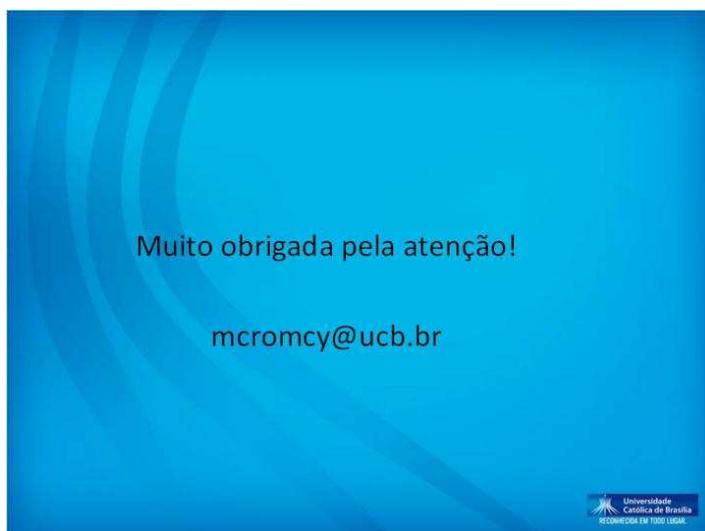
Cito outras vantagens proporcionadas pela implantação da biblioteca digital da UCB: desenvolvimento de um trabalho em colaboração, no âmbito interno e externo, e, principalmente, com a rede das bibliotecas das outras instituições católicas e a adesão da universidade ao movimento de acesso aberto à informação, o que é fundamental para uma instituição com produção ainda pequena, porque promove a visibilidade, como foi pequena região do Distrito Federal sendo disponibilizado ao a produção científica de grandes universidades de todo o mundo.

Essa adesão traz um benefício acadêmico muito grande. Posso citar como exemplo, que por meio do primeiro fascículo publicado da Revista de Letras, acessada pelo *Google*, o diretor do curso, também do conselho da revista foi identificado e convidado para participar de um evento nos Estados Unidos. Este fato foi além do reconhecimento do trabalho do diretor, mas demonstrou a importância deste tipo de serviço para dar visibilidade à universidade.

Outra vantagem para a biblioteca é a mudança da sua imagem junto à comunidade universitária. Bibliotecas, em geral, têm a imagem de um serviço muito tradicional, reativo e não pró-ativo. Por mais que digamos que as bibliotecas estão mudando, atuando em outro paradigma, temos que demonstrar esta mudança. Quando a biblioteca participa mais ativamente do processo de comunicação científica e não apenas na normalização das referências dos trabalhos, o que, em geral, era o que nos cabia, ela acaba colaborando com a publicação eletrônica do material. Isto acarreta uma mudança de imagem e de paradigma, também, para o funcionamento da biblioteca.

O que levamos dessa experiência são as oportunidades de mostrar que a biblioteca mudou. Todas as bibliotecas têm serviços eletrônicos e têm conteúdos que podem ser disponibilizados. A ideia é intrometer-nos nesse processo, caso contrário, provavelmente, seremos chamados apenas para normalizar a referência da publicação eletrônica e não influenciaremos na própria criação desse conteúdo.

Muito obrigada.



Enquanto não surge alguma dúvida, gostaria de agradecer a participação da Professora Carmen. Nada melhor do que ter sido professora da UnB e poder empregar toda a sua didática, explicando todos os passos que precisou cumprir até chegar a esse grande modelo que existe atualmente, não só na Universidade Católica como na Rede CVA/RICESU.

Tive a honra de trabalhar com a Professora Carmen em 2001, bem no começo do projeto, quando ainda se discutia como seria desenvolvido esse *software* para a Rede RICESU. Vemos na plateia hoje ex-estagiários, ex e atuais colegas, mestres que já tivemos no decorrer da nossa vida profissional. Penso que temos muito orgulho em perceber que a ideia que tivemos de que era necessário mudar o serviço e a oferta de informação, atualmente, evoluiu muito. Sempre soubemos que temos um material muito rico nas mãos, mas do qual nem todos beneficiavam-se, por isso lutamos muito para conseguir consolidar essa idéia de biblioteca digital.

Ao visitar o *site* da Rede RICESU, observei que o *software* que eles desenvolveram tem alguns requintes, como os de permitir a visualização de outras publicações do autor, *link* para currículo, exibir modelos de referências bibliográficas, tudo detalhado para o usuário, que só mesmo um conjunto de profissionais com muita experiência em lidar com os usuários – na UCB o leque de usuários e de necessidades é enorme – consegue pensar em cada detalhe que o usuário vai querer.

Outra questão interessante é que a tecnologia está sempre avançando e, diariamente, temos que procurar saber o que está acontecendo. Se formos responder às muitas demandas que recebemos, pensaremos que não é possível fazer, mas, nós que estamos preocupados com a criação de bibliotecas digitais não devemos responder imediatamente, porque sabemos que vai surgir uma ferramenta para implementar aquela demanda.

Muita coisa que, atualmente, imaginamos que não seja possível oferecer, acreditamos que no futuro conseguiremos, com a integração de todas as bibliotecas em uma única ferramenta, para se ter uma busca unificada. Sabemos que essa é a tendência, mas temos que ter paciência e esperar a própria tecnologia e a estrutura que temos a nosso serviço, para ser possível oferecer esse serviço aos usuários.

MARIA ELISABETH SALVIATI

Embrapa Cerrados

Gostaria de fazer duas perguntas: primeiro, a indexação dessas publicações que estão *on-line* é automática, manual ou utiliza algum tesauro? Segundo, a recuperação é feita somente nos metadados ou também dentro do PDF?

MARIA CARMEN ROMCY DE CARVALHO

Quanto à indexação, trata-se de um problema crônico para quem trabalha com autoarquivamento, porque não se consegue fazer com que o autor consulte um tesauro para buscar o termo autorizado para atribuir ao documento. Para atender, por exemplo, ao projeto de gestão do conhecimento da universidade, definimos que áreas e subáreas do conhecimento do CNPq têm que ser obrigatoriamente incluídas pelo autor ou pela biblioteca. De um modo geral, os termos utilizados na indexação, caso das teses e dissertações e artigos são os atribuídos pelo autor no próprio trabalho. Como a biblioteca, muitas vezes, orienta os alunos quanto à orientação dos trabalhos, procuramos orientar para que as palavras-chave sejam retiradas de tesouros das áreas em que estão disponíveis. Quando não há, recorremos às listas autorizadas como a *Library of Congress (LC)*, utilizadas pela área técnica. Procuramos então intervir na escolha dos termos para efeito de indexação, quando da elaboração do documento e não fase da alimentação da publicação propriamente dita na biblioteca digital – não sei se consegui me expressar. Quer dizer, tentamos “controlar” os termos da indexação, auxiliando o autor no momento da elaboração ou normalização do trabalho, quando o autor nos procura, para que ele trabalhe com tesouros. Como disse, o que consta no registro são, originalmente, os

termos escolhidos pelo autor, com exceção do campo específico, que é a área de conhecimento do CNPq, para que tenhamos um mínimo de agregação para responder algumas questões para a gestão do conhecimento da instituição.

Isso se aplica em especial à BDTD e ao Repositório. No caso das revistas eletrônicas, os artigos não são indexados um a um, então o sistema é diferente. Neste caso, os termos de indexação são indicados para o título da revista, no momento da sua configuração no sistema. A busca do termo é feita no título, resumo e o *abstract* e também no PDF.

LAILA DANTAS

O *Dspace, software* utilizado pela UCB é uma tendência atual, muito bem conceituado para a criação de bibliotecas digitais e há várias outras instituições também implementando suas bibliotecas digitais com essa ferramenta, o que diminui um pouco a dificuldade em familiarizar-se com o *software*, tanto do usuário em pesquisar como da pessoa que precisa depositar.

Gostaria de recomendar para os senhores o passo a passo da experiência que a Professora relatou aqui, com alguns exemplos, que, no começo, ela apenas se propôs a fazer e que, atualmente, como ela disse, não abre mão. Por exemplo, a necessidade de existir o autoarquivamento nas pontas, porque a biblioteca não consegue atender a tanta demanda e a questão da visibilidade. Assim como ela comentou, na biblioteca digital do STJ, a BDJur (Biblioteca Digital Jurídica), todos os meses, no momento de fazer a estatística, assustamo-nos com a quantidade de consultas, de pesquisas, de *downloads* e de *e-mails* que recebemos.

É importante levarmos em consideração o que estão criando dentro dos seus órgãos, mas não adianta desesperar-se, pois haverá muitos *e-mails* com questionamentos e não será possível atender a todos. Mas, todos que utilizam o sistema estão acostumados a isso. O importante é começar a registrar o que temos de conteúdo institucional em uma base padronizada que obedeça aos protocolos internacionais.

Registro também a importância da sensibilização que a Professora Carmen fez com relação ao acesso livre à informação científica, porque todos precisam estar bastante atentos e sensibilizados. Só assim conseguiremos ter uma sociedade que evolua mais autonomamente, sem ter que aceitar imposições. Fazemos a nossa parte divulgando e usando ferramentas de *software* livre, do qual podemos participar, em uma lista de discussão, solicitando recursos ou até encaminhando a eles códigos que fizemos e *plugins* que desenvolvemos, para que aquela ferramenta seja melhor utilizada por toda a comunidade.

A Professora Carmen relatou sobre a sua dificuldade na composição da equipe. O fato de ela ter sempre se dedicado para formar uma equipe estável e multidisciplinar para a manutenção da sua biblioteca digital é um grande fator de sucesso, porque existe o bibliotecário, que possui toda uma formação com a preocupação nos detalhes do registro e da descrição do conteúdo que ele sabe ser muito valioso e existem também outras formações, com outros pontos de vista, trabalhando para o mesmo serviço a ser oferecido. Assim, na hora da oferta do serviço ao usuário, há uma crítica muito mais completa e representativa e a chance de o serviço dar certo e ter sucesso é muito maior.

LUCIANA NAHUZ

*Coordenadora das bibliotecas do
Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB)*

Boa tarde a todos, sou Coordenadora das bibliotecas do IESB e trabalhei seis anos na UCB com a Laila e com a Professora Carmen, com quem aprendi muito. Só tenho a agradecer.

Quero relatar uma experiência de quem está começando a implantar a biblioteca digital. Enfrentei uma barreira por quase um mês para tentar convencer o pessoal da área de informática – desculpe-me quem é da área de TI – de que pretendia implantar uma biblioteca digital e não uma pesquisa de consultas de arquivos digitalizados dentro do sistema Sophia, utilizado pelo IESB. Apesar de adorar o sistema Pergamum, aprendi a gostar do Sophia e já estou participando da comunidade de adaptação do sistema para bibliotecas universitárias. O pessoal da área de informática, até o mês passado, considerava um

desperdício a biblioteca digital porque acreditavam que deveríamos colocar arquivos digitalizados dentro da consulta. Tive que pesquisar muito no *software* do IBICT, falar muito e mostrar, mas venci essa barreira.

No momento, tenho que fazer contato com o IBICT para executar todo o trâmite da tecnologia, o que foi uma experiência muito interessante porque perdi quase um mês resolvendo uma quantidade de coisas e tendo que provar que queria uma página da biblioteca digital fora do catálogo.

LAILA DANTAS

Perdeu pouco tempo! Conseguiu convencer rápido!

MARIA CARMEN ROMCY DE CARVALHO

Conseguiu muito rápido, parabéns!

LAILA DANTAS

O que a Professora comentou sobre o que aconteceu na Católica, de ela ter que pegar uma máquina da biblioteca para utilizar como servidor foi exatamente o mesmo que aconteceu aqui há pouco mais de cinco anos, quando trouxemos o modelo da BDTD para o STJ, que era a criação de biblioteca digital e um *harvester* para rastrear e consolidar a consulta em várias bibliotecas digitais.

Aqui, a área de TI disse que era impossível, que isso não iria rodar e funcionar. Mas, já conhecíamos, porque trabalhamos em iniciativas similares. Não havia como instalar, pois eles diziam que era inseguro.

Até que veio o Professor Fernando, da área de TI da UCB, com o *laptop* dele, e, escondidos, tiramos um microcomputador da rede, instalamos o *software*, deixamos tudo funcionando, começamos a alimentar o sistema e, quando já tinha certo volume de depósitos, chamamos o pessoal da área de TI e informamos a eles que estava funcionando e que bastava colocar na rede.

Isso foi o que aconteceu na UCB há oito anos, no STJ há cinco, e agora, vindo para a palestra, uma colega relatou-me que, na instituição em que ela trabalha está acontecendo algo semelhante. Portanto, não

desistam! É assim mesmo! Pegamos essa luta e acreditamos no que estamos fazendo.

É bastante interessante também o fato de a página do repositório institucional da UCB estar atuando como publicador. Pensava que seria um grande trunfo para a BDJur publicar documentos inéditos, que não haviam sido publicados em revistas e, na verdade, não é isso que está acontecendo com a BDJUR. Mas, na UCB fiquei bem feliz em ver que vocês estão publicando.

MARIA CARMEN ROMCY DE CARVALHO

Lembro de um caso interessante. Quando ainda estávamos conhecendo e testando o Dspace, e os metadados ainda estavam sendo criados, um professor ouviu falar do repositório e nos procurou porque necessitava divulgar os resultados de um pesquisa financiada com recursos externos para comprovar a sua finalização. Diante da urgência dele e da necessidade de darmos credibilidade ao repositório, tivemos que num fim de semana colocar o repositório no ar. Aquele relatório ficou, durante muito tempo, como o único documento, aparecendo como o grande vencedor do repositório. Além do professor, toda a equipe ficou também muito satisfeita, e tivemos um certo orgulho, pois o professor poderia ter buscado um repositório temático estrangeiro, mas ele escolheu o da UCB. Hoje estamos com o compromisso de que relatório mesmo que venhamos a atualizar o sistema permaneça com o mesmo endereço eletrônico para que o link não desapareça.

Outra questão importante sobre o acesso aberto é que o movimento já está provocando mudanças nos modelos de negócios das revistas científicas internacionais. Temos uma informação, que merece ser confirmada, de que uma grande editora internacional de periódicos científicos autorizou a disponibilização dos artigos de pesquisadores brasileiros publicados nas suas revistas, para que sejam também depositados em repositórios de acesso livre. Serviços como SHERPA/ROMEO Publisher copyright policies & self archiving informam as condições de divulgação autorizadas pelos periódicos autorizam para os artigos publicados. Muitas vezes o texto autorizado para um repositório de

acesso aberto não é a imagem da página da revista. Será outra apresentação em texto normal de um documento Word protegido, mas certamente terá a informação da fonte, o nome da revista e, certamente, um *link* para acessá-la, o que no repositório da UCB foi previsto. Se um artigo foi publicado em qualquer outra revista, mas temos o direito de publicar no repositório, vai haver um *link* para revista, seja para a página ou para o artigo publicado, se já estiver em acesso livre. Não há exigência de que o depósito no repositório UCB tenha exclusividade. Pelo contrário, da mesma maneira como as teses e dissertações, quanto mais repositórios os trabalho puder ser publicado, melhor para a universidade e para autor.

É esse o entendimento que os editores estão percebendo de que não adianta bloquear, mas aliar-se ao movimento e tirar proveito naquilo que ele pode trazer de benefício comercial, que é, justamente, fazer propaganda da revista e depois acessá-la, assinando ou comprando o artigo individualmente.

LAILA DANTAS

Outro item interessante - aliás, lendo a apresentação, grifei quase tudo, pois quase tudo é interessante - refere-se ao fato de que um dos compromissos do repositório institucional é complementar as iniciativas de gestão do conhecimento dentro da UCB como um todo.

Percebemos que a biblioteca da UCB conseguiu beneficiar-se e até criar serviços tradicionais das bibliotecas com base na informação que estava sendo divulgada na biblioteca digital. Por exemplo, imagino que deva ter aumentado muito a quantidade de trabalhos para normalizar. Tendo o depósito agora na biblioteca digital, a quantidade é muito maior e todos sabemos que flui muito mais rapidamente. Para ser tão visível assim, os autores têm a preocupação de normalizar e fazer tudo corretamente. Na UCB são oferecidos treinamentos até para a pessoa aprender a fazer normalização e referência.

Para quem não tem muita familiaridade ou muita simpatia por biblioteca digital, não tem problema, não precisa lutar contra a biblioteca digital. Basta observar que tipo de público novo esse serviço está trazendo

para sua biblioteca e que tipo de demanda nova a sua biblioteca tradicional pode atender, baseada na necessidade que está sendo criada pela biblioteca digital. Tem serviço para todos.

ENCERRAMENTO

LAILA DANTAS

Agradeço muito a presença de todos, a ajuda da Professora Maria Carmen em expor toda experiência que ela teve com essa iniciativa de sucesso e convido a todos a consultar as bibliotecas digitais da UCB e do STJ e também fazer contato com esse grupo – vimos que há muitas pessoas interessadas em bibliotecas digitais - para ver se conseguimos romper mais barreiras e fazermos parcerias, ao invés de ficar com aquele trabalho de formiguinha que temos há tantos anos.

Sucesso para todos e obrigada.

ARLAN MORAIS DE LIMA

Em nome da Secretaria de Documentação, agradecemos a presença da Professora Maria Carmen e de todos.

Contamos com os senhores na próxima edição do Bibliotemas. Obrigado. Boa noite.